

REDAÇÃO

com **Fernanda Pessoa**

**Os teóricos do Brasil e nossas
ideias sobre tudo**

 **CURSO**
FERNANDA PESSOA
ONLINE





OS TEÓRICOS DO BRASIL E NOSSAS IDEIAS SOBRE TUDO

COMO ENTENDER DE ONDE VIEMOS E AONDE IREMOS?



Estão preparados/preparadas/preparades?

Antes de estudar o Brasil real, vamos para alguns conceitos que nos darão referenciais e várias perspectivas:

MODERNIDADE: ENTRE PROMESSAS DE LUZ E SOMBRAS DE CONTROLE



RAZÃO EM ASCENSÃO: O REINADO DA CIÊNCIA COMO NOVA LINGUAGEM DO MUNDO

Com o advento da modernidade, a razão deixa de ser um privilégio reservado aos sábios e se torna uma espécie de patrimônio comum da humanidade. A antiga confiança nas explicações míticas e divinas dá lugar a uma aposta firme na racionalidade como ferramenta para decifrar os enigmas do mundo. O Iluminismo ergue a ciência moderna como bússola civilizatória — não apenas como técnica de domínio, mas como narrativa totalizante. Os antigos rituais se convertem em

protocolos experimentais; os mistérios, em dados. Nesse cenário, conhecer não é apenas compreender — é intervir, moldar, transformar o curso da história.

PROGRESSO COMO DESTINO: A LINHA RETA DA HISTÓRIA

A modernidade abandona a ideia de tempo como repetição cíclica e passa a concebê-lo como uma marcha unidirecional rumo a um futuro promissor. A fé no progresso tecnológico e moral torna-se um credo quase absoluto: cada invenção é interpretada como passo em direção a uma sociedade mais desenvolvida, racional e emancipada. A natureza, antes incontornável, é desafiada e subjugada. O futuro não é mais mistério: é projeto. A história se torna um culto ao que ainda virá — e o presente, um trampolim para o inédito.

O SUJEITO MODERNO: AUTONOMIA COMO CENTRO DO MUNDO

A modernidade desloca o foco do coletivo para o indivíduo. A figura do sujeito emerge como núcleo ético, político e estético. Rompem-se as amarras das hierarquias tradicionais — da linhagem, da fé imposta, da autoridade herdada — para dar lugar à autodeterminação. O “eu” moderno pensa, decide e se responsabiliza. A liberdade passa a ser a condição da existência, e não o privilégio de poucos. Mas com essa liberdade vem o peso da escolha e da autoria: viver deixa de ser cumprir um roteiro para tornar-se escrita contínua de si mesmo.



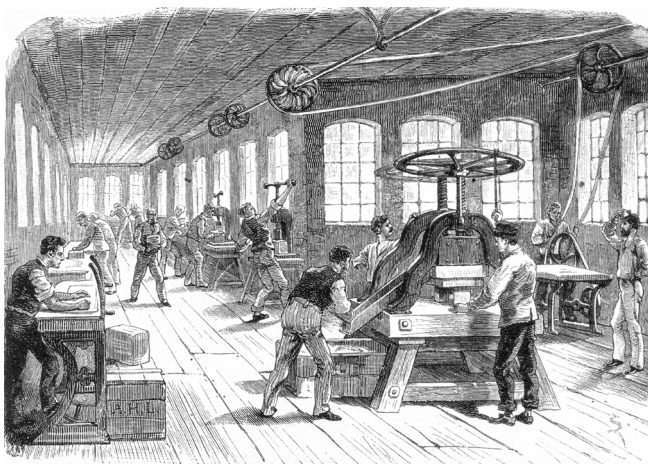
A RETIRADA DOS DEUSES DA CENA PÚBLICA: SECULARIZAÇÃO E REINVENÇÃO DO SAGRADO

No compasso da modernidade, a religião perde seu lugar de condutora das estruturas públicas. O sagrado é deslocado da esfera institucional para o íntimo dos indivíduos. O Estado assume feições laicas, a ciência caminha sem consultar teologias, e a moral se reconstrói sobre bases seculares. Mas o divino não desaparece — apenas muda de roupa. Reencarna nos discursos do consumo, na idolatria da tecnologia, nas promessas de felicidade vendidas em massa. O sagrado sai dos púlpitos e se infiltra no cotidiano como simulacro e desejo.



MÁQUINA E METRÓPOLE: A NOVA PAISAGEM DO MUNDO VIVIDO

A Revolução Industrial não apenas mudou a forma de produzir — ela alterou radicalmente o ritmo da vida. A máquina impôs novos tempos ao corpo e novas regras ao espaço. O trabalho se cronometra, o cansaço se industrializa, e o sujeito é dividido entre engrenagens. As cidades crescem como organismos metálicos, respirando fuligem e capital. O campesinato é deslocado, e o operariado, forjado. Novas classes, novos conflitos, novas formas de alienação e luta emergem. O capitalismo se infiltra não apenas nos meios de produção, mas também nos desejos e narrativas da sociedade.



ARQUITETURA DA ORDEM MODERNA: DA TRADIÇÃO AO PROTOCOLO

O mundo moderno se estrutura em instituições pensadas para racionalizar e normatizar a vida coletiva. O Estado-nação, com seus mapas e registros civis, substitui os laços feudais. A escola se torna fábrica de cidadãos disciplinados. A lei escrita suplanta o costume; o contrato, a confiança. A burocracia, com sua estética do carimbo e do formulário, encarna a ideia de neutralidade. Max Weber chamou isso de racionalização da vida social — um processo em que tudo deve ser previsto, mensurado, classificado. A liberdade se instala dentro de molduras técnicas e funcionais.

LIBERDADE SOB VIGILÂNCIA: O PARADOXO DA EMANCIPAÇÃO REGULADA

Embora a modernidade se anuncie como era da liberdade, ela constrói dispositivos de controle cada vez mais sofisticados. A cidade, com suas ruas retas e câmeras; a escola, com seus horários e notas; o hospital, com seus prontuários — tudo serve à normalização dos corpos. Como apontou Foucault, o poder moderno se exerce menos pela repressão e mais pela regulação. O indivíduo não apenas é vigiado — ele aprende a vigiar-se. A autonomia é acompanhada por um conjunto de exigências invisíveis. Assim, a modernidade revela sua duplicidade: ao mesmo tempo que promete emancipar, cria as engrenagens do controle silencioso.



A CRISE DA MODERNIDADE: QUANDO OS ALICERCES VACILAM

A modernidade nasceu sob a promessa de redenção pela razão, pelo progresso e pela ciência. No entanto, o mesmo projeto que pretendia iluminar a humanidade revelou rachaduras profundas em suas bases. A crise da modernidade não é um tropeço ocasional, mas um processo histórico contínuo de erosão das certezas que um dia pareciam inabaláveis. Entre promessas frustradas e contradições expostas, o século XX e seus desdobramentos contemporâneos anunciam o colapso do encantamento moderno.

A **crise da modernidade** é o momento em que os próprios fundamentos do projeto moderno — como razão, progresso, ciência, liberdade e ordem — passam a ser questionados tanto em sua **eficácia prática** quanto em sua **legitimidade moral e política**. **Essa crise não é pontual nem simples: ela atravessa o século XX e se intensifica no mundo contemporâneo com o colapso de muitas promessas que antes sustentavam a confiança no futuro.**

ALGUNS DETALHES:

A modernidade foi edificada sobre a ideia de que a razão humana, quando livre e bem direcionada, seria capaz de iluminar a vida social, eliminar preconceitos e produzir um mundo mais justo. No entanto, os horrores do século XX — guerras mundiais, totalitarismos, genocídios, armas nucleares — mostraram que a razão também pode ser instrumento de destruição. O mesmo conhecimento que cura pode exterminar. A razão moderna, antes glorificada como libertadora, passa a ser vista com desconfiança: não é mais neutra nem imune à barbárie.



A crença no progresso contínuo, outrora inabalável, começa a ruir diante da realidade: desigualdade global, devastação ambiental, crises econômicas recorrentes, tecnologias que isolam em vez de conectar. A esperança de que a história levaria naturalmente ao bem-estar coletivo é substituída pela consciência de que o futuro pode ser, na verdade, **insuportável ou até inexistente**.

O sujeito moderno — autônomo, racional, coeso — se desfaz diante das experiências contemporâneas. O “eu” se fragmenta em múltiplas identidades, contraditórias e transitórias. A psicanálise já havia mostrado que o sujeito não é senhor de si, mas dividido pelo inconsciente.



Apoiava-se em grandes narrativas explicativas — a ciência, a razão, a história, a emancipação. No entanto, com o avanço do pensamento crítico e do pluralismo cultural, essas “metanarrativas” passam a ser vistas como construções ocidentais, muitas vezes **excludentes, colonizadoras ou autoritárias**. A ideia de uma verdade universal dá lugar à multiplicidade de perspectivas, saberes e experiências.

Apostou no domínio da natureza como sinal de progresso, mas os desastres ecológicos, as mudanças climáticas e a exaustão dos recursos naturais escancaram que o modelo moderno de desenvolvimento é **insustentável**. A natureza deixou de ser um recurso inesgotável e passou a ser uma urgência ética e política.

Ela prometeu sentido — um mundo ordenado pela ciência, guiado pela razão e sustentado pela ética secular. Mas o excesso de racionalização e o colapso das grandes referências produziram um vazio simbólico. O mundo moderno se torna funcional, mas não necessariamente **significativo**. Essa ausência de sentido, muitas vezes, deságua em **niilismo, apatia ou desespero subjetivo**.



A modernidade foi quase um participante do Big Brother: prometeu tudo e entregou nada...

* A crise da modernidade não significa necessariamente seu fim, mas sim um **ponto de inflexão**, um momento em que suas promessas são confrontadas com suas consequências. Essa crise gerou novas formas de pensamento — como a **pós-modernidade**, a **decolonialidade** e a **transmodernidade** — que tentam reimaginar o mundo para além dos limites do projeto moderno.

PÓS-MODERNIDADE: ENTRE A FRAGMENTAÇÃO DO MUNDO E A URGÊNCIA DO AGORA

A **pós-modernidade** é um **conjunto de mudanças culturais, sociais, políticas e filosóficas** que surgem a partir da **segunda metade do século XX**, sobretudo após as guerras mundiais, quando a humanidade começa a **duvidar dos grandes ideais da modernidade**.

Ela não é só um “período depois da modernidade”, mas sim **uma crise da própria modernidade**. É como se a pós-modernidade olhasse para tudo aquilo que a modernidade prometeu — razão, progresso, verdade, liberdade — e dissesse: “Será mesmo que tudo isso funcionou como disseram?”.

Na modernidade, acreditava-se que a razão era capaz de explicar tudo: bastava aplicar o método científico, e a verdade apareceria. Na pós-modernidade, essa crença **entra em crise**.

Por quê? Porque vimos que a razão, sozinha, não evitou guerras, genocídios ou desigualdade.

A ciência moderna, embora poderosa, **não é neutra**: serve a interesses políticos, econômicos e militares.

Assim, a pós-modernidade **questiona a ideia de “verdade universal”**. Cada cultura, grupo ou indivíduo pode ter sua própria verdade. É o que se caracteriza como **relativismo**: não existe uma só verdade, mas muitas versões da realidade.

DESCONFIANÇA NAS GRANDES PROMESSAS (METANARRATIVAS)

A modernidade construiu “grandes histórias” que prometiam explicar o mundo e melhorar a vida:

A ciência salvaria a humanidade, a política resolveria as injustiças, o progresso traria felicidade.

É que o filósofo **Jean-François Lyotard** chamou de **metanarrativas**.

Na pós-modernidade, essas metanarrativas **entram em colapso**. As pessoas percebem que essas promessas muitas vezes **excluíram povos, culturas e subjetividades** — e que o progresso veio acompanhado de destruição ambiental, desigualdade e guerras. Por isso, a pós-modernidade prefere **pequenas narrativas**: histórias locais, experiências particulares, saberes tradicionais e periféricos. (Quase uma fofa)

FRAGMENTAÇÃO DA IDENTIDADE

Na modernidade, acreditava-se que cada pessoa tinha uma identidade única, estável e racional. A pós-modernidade diz que isso **não é tão simples**.

O **sujeito pós-moderno** é fragmentado: tem várias versões de si mesmo.

Em uma mesma pessoa, podem coexistir muitas identidades (profissional, afetiva, de gênero, de consumo etc.).

Essa identidade **não é fixa**, mas sim fluida, contraditória, em constante transformação, ou seja, uma identidade que muda conforme o contexto.



CULTURA DO SIMULACRO: APARÊNCIA VALE MAIS QUE ESSÊNCIA

O filósofo **Jean Baudrillard** disse que, na pós-modernidade, vivemos em um mundo de **simulacros**:

Imagens, aparências e representações que **parecem reais**, mas não são.

Exemplos:

As redes sociais mostram versões “editadas” das pessoas, que muitas vezes não correspondem à realidade.

O marketing transforma qualquer coisa em produto, inclusive emoções.

O real se mistura ao virtual — e muitas vezes o virtual **vale mais** que o real.

Em outras palavras, na pós-modernidade, o que importa **não é o que é**, mas o que **parece ser**.



PLURALISMO E VALORIZAÇÃO DA DIFERENÇA

Na modernidade, havia uma busca por um modelo único de saber, beleza, vida e verdade. Tudo que fugia desse modelo era **considerado inferior ou errado**.

A pós-modernidade **desconstrói essa lógica** e passa a valorizar **a diversidade de culturas, de corpos, de gêneros, de pensamentos**.

Não quer mais “verdade única”, mas sim **convivência entre diferentes formas de ver e viver o mundo**.

Isso não significa aceitar tudo de forma ingênua, mas reconhecer que há **saberes silenciados** pela cultura dominante — indígenas, negros, mulheres, LGBTQIA+, povos do Sul global.



CULTURA DO PRESENTE: O FIM DO FUTURO COMO UTOPIA

A modernidade era voltada para o futuro: acreditava no “amanhã melhor”.

Na pós-modernidade, surge o que o filósofo **Gilles Lipovetsky** chama de **presentismo**:

Vive-se o agora, o tempo se acelera, as experiências se tornam descartáveis, a tecnologia estimula o imediatismo, o consumo, a ansiedade, o futuro deixa de ser projeto coletivo e se transforma em incerteza.

A pós-modernidade:

Desconfia das certezas e das verdades absolutas, questiona as promessas não cumpridas da modernidade, valoriza a multiplicidade, a diferença e o ponto de vista de grupos antes invisibilizados, fragmenta a noção de identidade, mergulha na estética do consumo, da imagem e da aparência e troca o ideal do futuro pela urgência do presente.

Os **problemas sociais da pós-modernidade** são complexos, multifacetados e muitas vezes ambíguos. Eles decorrem justamente das **transformações profundas** que marcaram o fim das certezas modernas e a ascensão de uma sociedade marcada por fragmentação, aceleração, hiperconectividade e consumo.

CRISE DE SENTIDO E SUBJETIVIDADES ESVAZIADAS (BOA IDEIA PARA TESE OU TÓPICO FRASAL, POR EXEMPLO)

Com o colapso das grandes narrativas (religiosas, científicas, políticas), muitos indivíduos passaram a experimentar uma **sensação de vazio existencial**. O mundo deixou de oferecer verdades estáveis e coletivas, e a responsabilidade por “dar sentido à vida” recaiu sobre cada um. O resultado é um sujeito que muitas vezes se vê **perdido, sobrecarregado, ansioso** diante de um excesso de possibilidades e de escolhas.

As doenças psíquicas (como depressão, burnout e ansiedade generalizada) tornam-se **epidemias silenciosas da pós-modernidade**.

O filósofo **Byung-Chul Han** fala de uma sociedade do desempenho, em que cada indivíduo se transforma em “empresa de si mesmo” obrigado a dar conta de tudo, sempre produtivo, sempre otimizado.

INDIVIDUALISMO EXTREMO E ENFRAQUECIMENTO DO LAÇO SOCIAL

A pós-modernidade é marcada por um **forte individualismo**, incentivado pelo capitalismo neoliberal e pelas lógicas do consumo. A noção de comunidade, solidariedade e compromisso coletivo se enfraquece, pois as pessoas passam a valorizar a liberdade pessoal acima de qualquer vínculo ou dever e isso pode gerar **solidão, isolamento afetivo e apatia política**. Consequentemente, a indiferença diante do sofrimento alheio cresce, e a empatia se torna rara em meio ao ruído digital.

PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E INSEGURANÇA ECONÔMICA

Na pós-modernidade, o trabalho perde a estabilidade que tinha na era moderna (emprego fixo, carreira linear, direitos garantidos). Surge a lógica da **gig economy**, da informalidade, dos contratos temporários, do trabalho sob demanda, ou seja, o trabalhador se torna **empreendedor de si mesmo**, muitas vezes, sem segurança, sem proteção social, sem descanso, o sucesso vira responsabilidade exclusivamente individual (e o fracasso também), para piorar há um aumento da **desigualdade**, da instabilidade e do medo do futuro.



O sociólogo **Ruy Braga** mostra como o mundo do trabalho se reconfigura em torno da insegurança, criando o que chama de **“mal-estar do precariado”**.

COLONIALISMO CULTURAL E APAGAMENTO DE SABERES (BOA IDEIA PARA TESE OU TÓPICO FRASAL, POR EXEMPLO)

Embora a pós-modernidade valorize a diversidade, na prática, o que se observa é a **homogeneização cultural global** promovida pelo capitalismo. Em outras palavras: a cultura de massa, os algoritmos e o entretenimento digital promovem uma estética padronizada, muitas vezes eurocêntrica e superficial, os saberes indígenas, africanos, populares e ancestrais seguem marginalizados, as línguas minoritárias desaparecem, e as identidades locais são diluídas.

DESINFORMAÇÃO, RELATIVISMO E CRISE DA VERDADE (BOA IDEIA PARA TESE OU TÓPICO FRASAL, POR EXEMPLO)



Na pós-modernidade, em que tudo pode ser uma “opinião”, a própria ideia de **verdade factual entra em crise**. Fake news, teorias conspiratórias e negacionismo se espalham com facilidade, especialmente nas redes sociais, o excesso de informação gera **confusão e desconfiança**, as pessoas escolhem “verdades” que confirmam seus afetos, não sua razão e isso ameaça a democracia, a ciência e o debate público racional.

“ O filósofo **Umberto Eco** já alertava para os riscos de uma era em que “as redes sociais dão voz a uma legião de imbecis” (literalmente).

CULTURA DO CONSUMO COMO SUBSTITUTO DE SENTIDO (BOA IDEIA PARA TESE OU TÓPICO FRASAL, POR EXEMPLO)

Na ausência de grandes ideais, o consumo se torna a nova forma de existir. As pessoas buscam **realização, identidade e afeto através das mercadorias** — roupas, viagens, experiências, tecnologia, estética corporal.

O sujeito vale **pelo que tem, não pelo que é**, isso gera **endiamentamento, frustração e vício em dopaminas rápidas** e a desigualdade de consumo alimenta a exclusão simbólica: quem não consome não pertence.



DESASTRE AMBIENTAL E CRISE PLANETÁRIA

A lógica da produção e do consumo pós-modernos ignora os **limites ecológicos do planeta**. Há um avanço predatório sobre

recursos naturais, terras indígenas e biomas inteiros, ou seja, a crise climática, a escassez de água e os desastres naturais se intensificam, o modo de vida pós-moderno **não é sustentável**, mas segue sendo vendido como ideal global, populações periféricas, sobretudo no Sul global, são as mais afetadas.

O filósofo **Boaventura de Sousa Santos** (uma pessoa que estudamos há muitos anos, mas de quem não falaremos tanto devido às polêmicas envolvendo casos de assédio em Portugal) fala em “ecologias de saberes” como forma de enfrentar essa crise, valorizando conhecimentos ancestrais e modos de vida sustentáveis.



A pós-modernidade não é apenas um tempo de pluralidade e liberdade — é também um tempo de **profunda instabilidade**. Ela amplia o repertório simbólico e cultural, mas também **intensifica contradições sociais, subjetivas e ambientais**.

A **ausência de fundamentos coletivos sólidos deixa o sujeito à deriva**, e a **promessa de liberdade se converte**, muitas vezes, em **solidão, angústia e cansaço**.



Precisamos enxergar um novo tempo!

Euzinha já estou nele há um tempo e digo isso com muitooooo orgulho!

CHEGAMOS À TRANSMODERNIDADE...

TRANSMODERNIDADE: ALÉM DA MODERNIDADE E DA PÓS-MODERNIDADE, O NASCER DE OUTROS MUNDOS POSSÍVEIS

A transmodernidade não é um simples pós-escrito da história — ela é ruptura e travessia. Surge como um gesto filosófico e político radical que ousa imaginar um mundo além do esgotamento da modernidade e da dispersão pós-moderna. É um grito ético que emerge das margens, onde ainda pulsa a vida negada pelos centros coloniais do saber e do poder. Enquanto a modernidade confiou no racionalismo eurocêntrico e a pós-modernidade se dissolveu no relativismo estético, a transmodernidade propõe um novo horizonte: plural, solidário, cosmopolítico e enraizado nos saberes silenciados. Mais do que um conceito, ela é um movimento civilizatório em construção — uma encruzilhada entre o que precisa morrer e o que insiste em nascer.

UM PREFIXO COMO MANIFESTO: “TRANS”

O prefixo “trans-” em *transmodernidade* não é meramente cronológico; é ontológico, existencial e político. Ele sugere **atrevimento crítico, superação criativa, diálogo insurgente**. Não se trata de negar a modernidade e nem de se perder na fragmentação da pós-modernidade, mas de atravessar ambos os paradigmas com discernimento, guardando o que há de vital e descartando o que oprime.

Transmodernidade é movimento: vai além sem apagar; critica sem destruir; reconstrói sem repetir.

PLURIVERSALISMO: CONTRA A LÓGICA DO
UNIVERSAL EUROCÊNTRICO (BOA IDEIA
PARA TESE OU TÓPICO FRASAL,
POR EXEMPLO)

A transmodernidade substitui a noção moderna de “universal” (imposta pelo Ocidente como modelo de humanidade) pela ideia de **“pluriverso”** — isto é, um mundo em que **muitas formas de vida, pensamento e existência** coexistem com igual dignidade.

Enquanto o “universal moderno” exclui, o “pluriversal transmoderno” acolhe.

Ela não nega a razão ou a ciência, mas **critica seu monopólio epistêmico**. Saberes indígenas, afrodescendentes, orientais, camponeses, populares, periféricos e espirituais não são tratados como folclore — são **centrais para a reconstrução do mundo**. (mais uma lapada para pensar, escrever e existir)




SUPERAÇÃO DA LÓGICA DA DOMINAÇÃO COLONIAL (BOA IDEIA PARA TESE OU TÓPICO FRASAL, POR EXEMPLO)

A transmodernidade se posiciona de forma nítida contra os **resquícios coloniais** que ainda estruturam o mundo: o racismo, o patriarcado, o capitalismo predatório, a dominação cultural e epistêmica, o desgaste ambiental a qualquer custo.

É um projeto **anticolonial** e **decolonial**, que não apenas denuncia a violência histórica da modernidade ocidental, mas propõe **reconstruir a civilização a partir dos saberes do Sul global**, com base na justiça social e ecológica.

Segundo o filósofo Enrique Dussel: “A transmodernidade nasce do outro — daquele que a modernidade tentou apagar.”



 Se você estiver prestando atenção neste momento, está percebendo o quanto pensar é revolucionário e o quanto escrever é só um reflexo de pensar com consciência. Eu tenho um orgulho gigante de mostrar isso a vocês. pqpqpqpqpqpqpq

RECONCILIAÇÃO ENTRE RAZÃO E ESPIRITUALIDADE

Diferentemente da modernidade, que separou razão e fé, ou da pós-modernidade, que as relativizou, a transmodernidade **reconcilia o saber racional com o saber espiritual** sem hierarquias.

Ela reconhece o valor do sagrado, da intuição, da contemplação, da meditação, das cosmologias indígenas, da relação com os ancestrais.

Ao mesmo tempo, **defende uma razão crítica**, voltada para o cuidado, para o bem comum, e não para o domínio técnico do mundo.

ÉTICA DO CUIDADO E DA INTERDEPENDÊNCIA (BOA IDEIA PARA TESE OU TÓPICO FRASAL, POR EXEMPLO)

Enquanto a modernidade promoveu o individualismo e a competitividade, a transmodernidade se funda em uma **ética do cuidado, da solidariedade e da interdependência**: a vida é vista como um sistema relacional e integrado, a dignidade não é medida pelo acúmulo, mas pela **capacidade de convivência, de escuta, de compaixão**.

É um paradigma que valoriza o “**bem viver**” (**sumak kawsay**), conceito ancestral dos povos andinos, em vez do “ter mais”.

CENTRALIDADE DA NATUREZA E DA ECOLOGIA INTEGRAL (BOA IDEIA PARA TESE OU TÓPICO FRASAL, POR EXEMPLO)

A transmodernidade rompe com a visão moderna da natureza como recurso a ser explorado. Ela reconhece a **natureza como sujeito de direitos**, como parte de um sistema vivo do qual o ser humano faz parte, propõe uma **ecologia integral**, que não separa meio ambiente, cultura, espiritualidade e justiça social, apoia-se em práticas sustentáveis, agricultura ecológica, educação ambiental e reconexão com a Terra.

Aqui, natureza não é cenário — é **parente, casa e corpo coletivo**.



RECONSTRUÇÃO CRÍTICA DAS INSTITUIÇÕES E DO FUTURO

A transmodernidade não idealiza um passado ancestral perdido, mas também **não se rende à distopia nilista da pós-modernidade**. Ela propõe **recrutar as instituições — escola, política, economia, arte — com base em novas éticas e epistemologias**:

A educação transmoderna é **dialogal, libertadora, crítica e comunitária.**

A política transmoderna é **horizontal, participativa, enraizada nas lutas locais.**

A economia transmoderna é **solidária, regenerativa, anticapitalista e de bem comum.**



ECOLOGIA INTEGRAL: NATUREZA COMO SUJEITO

A transmodernidade rompe com a visão extrativista da natureza. Ela não é mais recurso, mas **parente, mãe, casa viva**. Trata-se de cultivar uma **ecologia integral**, onde meio ambiente, justiça social e cultura são inseparáveis. Preservar a floresta é preservar a linguagem que nela habita, o canto dos seus povos, o rito das suas águas.

Aqui, a Terra não é apenas objeto de proteção — é sujeito de direitos e de afetos.



SAIBA MAIS

A transmodernidade é mais que um conceito — é um **chamado ético e civilizatório**. Ela nasce das ruínas das promessas modernas e do cansaço pós-moderno, não para negar tudo o que foi, mas para **caminhar além**.

Não se trata de voltar atrás nem de repetir o Ocidente com outra maquiagem, mas de **reconhecer que há mundos inteiros ainda por nascer — e que muitos deles já existem nas margens, nos terreiros, nas aldeias, nos quilombos, nas práticas de cuidado e resistência**.

A transmodernidade é a **esperança insurgente que caminha com os pés no chão e o olhar nos ancestrais**.



Para você entender melhor, um resumo das características da Transmodernidade com as minhas palavras (FP):

- * Recusa a **hegemonia epistemológica eurocêntrica**;
- * Valoriza as **cosmovisões indígenas, afro-brasileiras, populares e periféricas**;
- * Não nega o conhecimento científico, mas o **reinscreve em um diálogo ético e horizontal** com outros saberes;
- * Crê na **interculturalidade** e na possibilidade de convivência entre múltiplas formas de pensar e existir;
- * Propõe a **re-existência**: resistência criativa que afirma outros modos de vida, de identidade e de saber.
- * A **transmodernidade** é como se fosse a superação da modernidade sem cair no niilismo da pós-modernidade.

O QUE É DECOLONIALIDADE?

Decolonialidade: pensar com os pés no chão do próprio território

Falar em decolonialidade não é apenas propor uma crítica ao passado colonial — é acionar um modo radical de imaginar outros futuros possíveis. Trata-se de desamarrar o pensamento, o corpo e a linguagem das amarras que a colonialidade impôs, muitas vezes de forma silenciosa, naturalizada, estrutural.

A colonialidade, ou o que aqui no curso chamando de pensamento colonial ou comportamento colonial, ao contrário do que supõe o senso comum, **não terminou com a independência política das nações**.

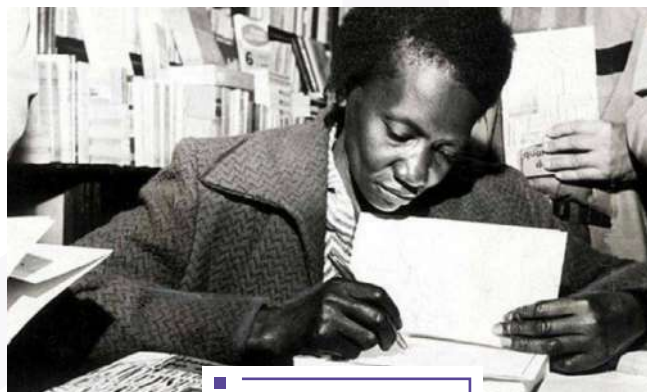
Ela, a colonialidade enraizada, impregnada, persiste como uma forma de organizar o mundo: de continuar dizendo o que

é saber legítimo, quem tem voz, quem pode existir plenamente. Seus tentáculos se estendem à educação, à ciência, à cultura, à economia, à subjetividade.

Nesse contexto, a **decolonialidade emerge como uma insurgência epistêmica (explico logo abaixo o que significa, mas adianto que já estudamos com a filósofa Sueli Carneiro)**. É a recusa em pensar com mapas mentais alheios. É o gesto de devolver centralidade aos saberes silenciados: indígenas, africanos, populares, periféricos, femininos, orais, coletivos, rituais. É reverter a lógica que, por séculos, considerou esses saberes como “inferiores”, “não científicos” ou “folclóricos”.

Trata-se de uma proposta profundamente ética e política: **valorizar as formas plurais de conhecer, sentir, criar e existir que foram apagadas ou subordinadas pelo projeto moderno/colonial**.

Essa insurgência não se dá apenas nos livros. Ela acontece na escola indígena que ensina botânica a partir da mata e da oralidade ancestral. Acontece na pedagogia quilombola que entrelaça história e território. Está na feitura de um prato de acarajé, que carrega cosmogonias inteiras. Está nos versos de Carolina Maria de Jesus, que escreveu a cidade a partir do lixo. Está na mulher negra que ocupa a universidade com seu corpo e sua voz. Está nas epistemologias do Sul, que propõem uma escuta das margens como centro pulsante de pensamento vivo.



Carolina Maria de Jesus

Pesquisadoras como **Sueli Carneiro, Denise Ferreira da Silva, Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro** e eu (que ainda não sou reconhecida e isso não é pretensão ou vaidade, mas tenho estudado e escrito muito sobre o assunto) propomos uma leitura decolonial a partir do Brasil, das Américas gerais e do Sul Global, rompendo com o cânone universalizante da razão ocidental.

A decolonialidade **não é um modismo acadêmico nem um apêndice teórico**. É um processo contínuo de descolonizar o olhar, a escuta, a escrita. É o que aprendemos a fazer nas aulas de Artes do Curso, no Clube do Livro, nas aulas de Escrita criativa e nas aulas de Redação. É fazer do pensamento um gesto de liberdade. É lembrar que o mundo não é um só — e que nele cabem muitos mundos ainda por narrar.

A **decolonialidade** é um projeto crítico que busca desmontar os efeitos persistentes do **colonialismo** — não apenas enquanto dominação territorial, mas sobretudo como **forma de organização do saber, do poder e do ser**.

A praga da colonialidade se manifesta em três dimensões principais:



Colonialidade do saber – impõe um modelo de conhecimento europeu como único válido (universidades, ciência positivista, línguas coloniais).

Colonialidade do poder – mantém uma estrutura global hierárquica que subalterniza os países do Sul Global.

Colonialidade do ser – define quais vidas são reconhecidas como plenamente humanas e quais são desumanizadas ou invisibilizadas.

EXEMPLOS REAIS E PRÁTICOS NO BRASIL:

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E QUILOMBOLA

Tradicionalmente, a escola brasileira foi estruturada sobre currículos eurocentrados: filosofia começa na Grécia, literatura começa em Portugal, história começa com o “descobrimento”. A decolonialidade aparece, por exemplo, **na luta de povos indígenas e quilombolas por uma educação que respeite seus saberes, línguas e cosmovisões.**

Exemplo: Escolas indígenas no Amazonas que ensinam matemática e ciências integradas ao conhecimento da floresta, do ciclo das águas, da agricultura tradicional.



FEMINISMO NEGRO

O pensamento de **Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Djamil Ribeiro** é uma expressão de decolonialidade. Ao evidenciar que o feminismo hegemônico é branco e de classe média, elas constroem **alternativas baseadas na experiência de mulheres negras e na ancestralidade africana.**

Exemplo: A valorização da linguagem “pretuguês”, que mistura estruturas do português com modos de expressão africanos e afro-brasileiros, é um gesto de resistência à colonialidade linguística.



CULINÁRIA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA

A culinária também é um espaço de disputa de saberes. **Ao reconhecer a feijoada, o acarajé, o milho, a mandioca e o peixe como elementos centrais da cultura nacional**, resgatamos conhecimentos que foram inferiorizados pelo modelo europeu de alimentação.

Exemplo: O reconhecimento do acarajé como patrimônio imaterial e sua relação com a cultura de matriz africana é um ato de valorização de saberes decoloniais.



O RECONHECIMENTO DE ESCRITORAS NEGRAS E ESCRAVIZADAS

A literatura de **Maria Firmina dos Reis**, por exemplo.



ARTE PERIFÉRICA E LITERATURA MARGINAL

A literatura feita por escritores das periferias urbanas, como **Sérgio Vaz, Ferréz e Carolina Maria de Jesus**, quebra com a lógica eurocêntrica que define o que é “alta cultura”. Eles escrevem sobre a fome, a violência policial, a luta por dignidade — em linguagem própria, com estética própria.

Exemplo: A obra *Quarto de Despejo* (1960), de **Carolina Maria de Jesus**, é um diário que desmascara a ideia de que apenas elites letradas podem produzir conhecimento.



EPISTEMOLOGIAS DO SUL

O sociólogo **Boaventura de Sousa Santos**, muito presente no Brasil, propõe as “epistemologias do Sul” como forma de revalorizar saberes populares, indígenas, quilombolas e camponeses. Ele fala de uma “**ecologia de saberes**” — um convívio entre formas distintas de conhecer, sem hierarquia.

A gente vai falar menos sobre ele, porque vocês sabem que ele se envolveu em alguns casos de assédio sexual na Universidade em Portugal e eu, como mulher, me solidarizo com as mulheres vítimas desse assédio.

Exemplo da teoria dele: Um projeto universitário de extensão que ensina agroecologia com base em práticas tradicionais de agricultores familiares, sem impor o modelo agrônomo industrial, está fazendo um gesto decolonial.

Como aplicar essa teoria na prática (educação, cultura, política)

NA ESCOLA E NA UNIVERSIDADE:

Questionar a centralidade da cultura europeia nos currículos;

Inserir saberes afro-brasileiros, indígenas, latino-americanos e populares nos programas;

Promover projetos de pesquisa em comunidades tradicionais.

NA POLÍTICA PÚBLICA:

Garantir políticas de cotas como reparação histórica;

Apoiar epistemologias e práticas de cuidado comunitário e espiritualidade ancestral.

NA ARTE E CULTURA:

Valorizar a produção cultural das periferias e dos povos originários;

Descolonizar os museus, as linguagens artísticas e os cânones estéticos.

EPISTEMOLOGIA

Epistemologia é o ramo da filosofia que investiga a **natureza, a origem, os limites e a validade do conhecimento**. É, em outras palavras, o estudo crítico do próprio ato de conhecer.

A palavra vem do grego: “**episteme**” = conhecimento, saber verdadeiro, “**logos**” = estudo, discurso, razão



EPISTÊMICO

É um adjetivo que se refere ao conhecimento, ao saber e às formas de produzir, validar e organizar aquilo que consideramos como verdade.

Vem da palavra grega “**episteme**”, que significa **conhecimento verdadeiro**, ou **ciência** — diferente da “doxa”, que seria uma mera opinião.

Epistêmico tem a ver com **como sabemos o que sabemos**, ou seja, = **é aquilo que diz respeito ao saber e à maneira como o conhecimento é produzido, legitimado e circula**.

“VIOLÊNCIA EPISTÊMICA”

É quando certos conhecimentos são desvalorizados ou apagados por não seguirem os padrões ocidentais de ciência.

Exemplo: Quando saberes indígenas ou africanos são considerados “místicos” ou “inferiores” pela academia.

“JUSTIÇA EPISTÊMICA”

É o reconhecimento de que diferentes grupos têm direito de produzir e transmitir conhecimento legítimo.

Exemplo: Garantir espaço para mulheres negras e povos originários na produção científica é uma forma de justiça epistêmica.

“COLONIALIDADE EPISTÊMICA”

É o domínio de uma única forma de saber (ocidental, europeu, racionalista) sobre todas as outras, como se fosse universal.

Exemplo: O currículo escolar que ignora autores africanos, periféricos e indígenas é guiado por uma lógica de colonialidade epistêmica.

NEOLIBERALISMO

O **neoliberalismo** é uma **doutrina econômica e política** que surgiu no século XX, mas ganhou força global a partir dos anos 1970 e 1980, com figuras como **Margaret Thatcher (Inglaterra)** e **Ronald Reagan (EUA)**. Sua influência foi (e ainda é) profunda em países como o Brasil, especialmente a partir da década de 1990.

Ele propõe que o **mercado deve ser o principal regulador da economia e da sociedade** com **mínima interferência do Estado**.



Neoliberalismo é um modelo de organização econômica e política que defende a redução do papel do Estado e a ampliação do livre mercado como caminho para o crescimento e a eficiência.

Princípios:	Significado:
Estado mínimo	Redução dos investimentos públicos, privatizações e diminuição de políticas sociais
Livre mercado	Pouca ou nenhuma regulação dos preços, contratos e serviços
Privatizações	Empresas estatais devem ser vendidas à iniciativa privada
Desregulamentação	Menos leis trabalhistas e ambientais que “atrapalhem” os negócios
Corte de gastos sociais	Saúde, educação e assistência passam a ser responsabilidade do indivíduo
Cultura da meritocracia	Cada pessoa é responsável por seu sucesso ou fracasso, ignorando desigualdades estruturais

EFEITOS DO NEOLIBERALISMO (SEGUNDO SEUS CRÍTICOS):

- * Aumento da desigualdade social e econômica;
- * Precarização do trabalho (uberização, terceirização, informalidade);
- * Corte em políticas públicas que protegem os mais vulneráveis;
- * Enfraquecimento do Estado e da soberania popular;
- * Privatização de serviços essenciais (educação, saúde, transporte);
- * Cultura do “empreendedor de si mesmo”, que individualiza o fracasso.



EXEMPLO NO BRASIL:

A partir dos anos 1990, com os governos Collor e Fernando Henrique Cardoso, o Brasil iniciou um processo de **ajuste estrutural** com base no receituário neoliberal: privatizações da Vale, Telebras e outras estatais, Reforma da Previdência e do Estado, redução de investimentos públicos em áreas sociais, enxugamento de concursos e serviços públicos, adoção da lógica de “eficiência” baseada na competitividade. Desde então, mesmo com alternâncias políticas, **o neoliberalismo se tornou dominante como lógica de governo, mercado e sociedade**.

O avanço do neoliberalismo no Brasil transformou o acesso a direitos básicos em privilégio ao priorizar o mercado e a lógica do lucro em detrimento das necessidades coletivas.

A lógica neoliberal impôs a desresponsabilização do Estado (falo no sentido mundial) diante das desigualdades a partir da fragilização das políticas públicas e da naturalização da exclusão social.

Vejamos grandes nomes que estudam sobre questões reais para que, a partir daqui, você tenha referenciais para formular suas opiniões.

Enrique Dussel – filósofo argentino

* Nascimento: 1934 – Argentina

* Falecimento: **2023 (morreu um dia desse) infelizmenteeeeeeeee**

Principais obras (que li para fazer o material):

- * “Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão”
- * “Filosofia da Libertação: crítica à ideologia da exclusão”



Ele é conhecido por suas contribuições à crítica à modernidade e à construção de uma nova era da humanidade, a transmodernidade.

Suas principais ideias incluem a descolonização do pensamento e a valorização da perspectiva das culturas periféricas e dos oprimidos, buscando uma ética que afirme a vida humana em face da violência e da exclusão.

Sua obra articula críticas à modernidade ocidental, ao eurocentrismo e ao modelo neoliberal de educação, propondo alternativas fundamentadas em **epistemologias do Sul**, **transmodernidade** e uma **educação emancipadora e pluriépistêmica**. Ele é um dos principais nomes a aprofundar o conceito de **transmodernidade**. Sua produção é marcada por uma escrita crítica, acessível e comprometida com os dilemas históricos e existenciais das populações marginalizadas pelo projeto moderno-colonial.

Principais ideias de Enrique Dussel:

Crítica à modernidade colonial:

Propõe uma leitura crítica da modernidade como um projeto de exclusão, que se constituiu a partir da exploração colonial, da subalternização dos saberes não europeus e da imposição de um modelo único de razão e humanidade. Para ele, não há como pensar uma educação libertadora dentro dos parâmetros da modernidade ocidental sem criticá-la radicalmente.

Notem que é uma ideia que pode ser usada em temas que envolvem **racismo estrutural, apagamento cultural, desigualdade histórica, reforma educacional e colonialismo epistêmico**.

Transmodernidade como alternativa civilizatória:

Ele desenvolve a ideia de **transmodernidade** como um caminho ético e político que não nega os avanços da modernidade, mas

os **atravessa e os transcende**, incorporando os saberes, as lutas e os modos de vida historicamente marginalizados. A transmodernidade é uma proposta de mundo **pluriversal**, em que há escuta, reconhecimento e dignidade para todas as formas de existência.

Temas sobre **diversidade cultural, diálogo intercultural, sociedade pós-colonial, direitos dos povos originários e valorização dos saberes tradicionais**.

Pluriepistemologia e justiça cognitiva:

Crítica o monopólio da razão ocidental como única forma válida de conhecimento. Ele defende uma **pluriepistemologia**, isto é, o reconhecimento da multiplicidade de formas de saber — indígenas, africanas, camponesas, quilombolas, femininas — como legítimas e necessárias para enfrentar os desafios contemporâneos.

Ideia muito boa para discutir **exclusão educacional, epistemicídio, desigualdade de acesso ao conhecimento, cultura e saberes tradicionais, descolonização curricular**.

Filosofia da libertação:

É um dos principais representantes da Filosofia da Libertação, que busca uma reflexão crítica da realidade a partir da perspectiva dos oprimidos e a promoção da emancipação social e política.

Ética da afirmação da vida:

Ele defende uma ética que afirme a vida humana em face da violência, da exclusão e da ameaça do assassinato e do suicídio coletivo. Essa ética deve considerar a importância da história e da memória para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.



Descolonização do pensamento:

Defende a descolonização do pensamento como um processo de desconstrução dos valores e das estruturas de poder que colonizaram a cultura e o conhecimento. Essa descolonização é essencial para a construção de uma nova consciência e de uma nova forma de pensar o mundo.

Diálogo intercultural:

Propõe um diálogo filosófico entre as culturas do Sul, Sul-Sul e Sul-Norte como um meio de superar a centralidade europeia e de construir uma cultura mundial mais inclusiva e diversa.

Valorização do “Outro”:

Enfatiza a importância de valorizar o “outro” como uma alteridade excluída, que clama por libertação e que deve ser considerada na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.





Gente, absolutamente tudo o que está aqui é criação minha (FPzinha), ok?

Claro que vocês podem usar e abusar, mas é importante entender!

Caso saibam de alguém que está pirateando ou copiando o nosso material ou as nossas ideias, por favor, avise-me (081-9100-3218) e, se tiver coragem, denuncie na internet.

MINHAS SUGESTÕES DE USO EM REDAÇÕES DO ENEM OU VESTIBULARES

IDEIAS PARA TESES E TÓPICOS FRASAIS:

- * necessidade de ruptura com o modelo educacional monocultural

SINÔNIMOS NADA CLICHÊS:

- * urgência de desconstrução do paradigma educacional monocêntrico
- * exigência de superação do modelo pedagógico excludente
- * imperativo de reestruturação das bases epistemológicas coloniais da educação
- * demanda por um redirecionamento curricular pluriépistêmico
- * necessidade de descolonizar o sistema de ensino hegemônico
- * reivindicação por uma pedagogia intercultural e plural

O QUE ISSO SIGNIFICA?

Não se trata apenas de um apelo pedagógico — é um **clamor civilizatório**. É preciso reconhecer que a escola/educação formal, tal como foi projetada ao longo da história, não nasceu para celebrar a pluralidade, mas para **forjar sujeitos sob um molde único**, obediente ao ideal eurocêntrico, racionalista e normativo. Romper com esse modelo não significa desmorar a escola — mas **negar a supremacia de um saber que se autoproclamou universal enquanto calava territórios inteiros de existência**.



Por isso, romper com esse paradigma não é gesto de destruição, mas de **reexistência**. É afirmar que **a escola precisa escutar os mundos que ela mesma aprendeu a silenciar**. É reivindicar uma educação onde o saber não seja mecanismo de controle, mas convite ao encontro. Onde a diversidade não se restrinja a datas comemorativas ou tópicos isolados, mas atue como **fundamento filosófico e político do ato de ensinar**.

A ruptura necessária não é negativa — é germinal. **É abrir fissuras no cimento das certezas**, espaços por onde possam emergir epistemologias outras, enraizadas em corpos plurais, línguas múltiplas, territórios vivos. É recusar o “aluno ideal” — neutro, abstrato, domesticado — e acolher o estudante real: aquele que atravessa os portões da escola carregando mais que um caderno — **carregando ancestralidade, dores não nomeadas, cosmovisões inteiras e o direito de existir com voz própria**.

Se a escola continuar falando sozinha, seguirá ensinando quase nada. Escutar é o começo de toda pedagogia real. Por isso, romper é mais que um ato político: é um ato de escuta radical. **E escutar — verdadeiramente — é o primeiro gesto de uma educação que se quer justa.**

Fernanda Pessoa



Agora você tem referenciais para montar seu Tópico frasal e sua ampliação de forma fundamentada e muitooooo chique. Não tenha medoooooosoooo!

Observe com atenção!

Isto aqui é um presente e eu (FPzinha aqui) faço questão de ser um canal para vocês.

Leiam, estudem, pensem e tenha coragem de escrever. Isso é revolucionário!

Tema: A importância do reconhecimento da diversidade de culturas no Brasil**Exemplo de Tópico frasal de FP já indo para a ampliação:**

Com base nesse cenário, é importante perceber que a valorização da diversidade cultural exige uma ruptura com o modelo educacional monocultural existente, como propõe o filósofo argentino Enrique Dussel, já que, para haver um reconhecimento cultural nacional efetivo, há a urgência de uma educação transmoderna e pluriépistêmica. Em outras palavras,

Tema: Os desafios para a consolidação da justiça social no Brasil**Exemplo de fechamento de FP com Fundamentação do teórico:**

Dessa forma, nota-se que, para construir um projeto de justiça social que vá além da lógica meritocrática e colonial, é necessário, como defende o filósofo argentino Enrique Dussel, um horizonte transmoderno que reconcilie saberes, territórios e vozes historicamente silenciadas.

**ANOTAÇÕES**

Estamos juntos nessa!



C U R S O
FERNANDA PESSOA
ONLINE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.